

[(1880), *Era Nova*, 1: 83 – 88 (Lisboa)]

VARIÉDADES – CIÊNCIA E NATUREZA

Meu caro António.

Pedes-me um artigo para o teu jornal *Era Nova*, e eu não sei o que possa ou deva escrever-te.

Indicas os meus recentes estudos sobre história natural como fonte de bons assuntos. São-no em muitos pontos; é verdade. Mas não há-de desdizer perante o fim da tua revista (bela criação, por certo, e de que muito há-de fazer-se), não será nela mal cabida a aridez duma descrição zoológica? No meio duma apatia profunda, não irá cair perfeitamente de chofre a história dum animal inferior, por mais interessante que ela seja?

É por ora apenas o que posso dar-te, e eu sei que num país em que a cultura dos espíritos se faz quase como a dos cereais, com arado e pé de boi; aonde os escritos sobre matéria de utilidade imediata caem da mão dos corpos bocejantes; aonde o Sr. Eça de Queiroz, para poder vender a segunda edição do seu romance o *Crime do padre Amaro*, o primeiro romance nacional, precisou fazer dele o que nunca foi, eu sei que, num país destes, a publicação de escritos quase exclusivamente de classificação zoológica pouco podem trazer à proveitosa vulgarização dum jornal.

Há dias, receando que este modo geral de apreciar fosse um exagero, filho talvez de eu confundir o que me estava perto, com o que bebia nas grandes escolas do país, perguntei a vários rapazes que voltavam da Politécnica, se a história natural os interessava, se faziam excursões, se costumavam recorrer para demonstrações às colecções do Museu de Lisboa. Responderam-me todos que não, redondamente que não. Observei que o Museu era no mesmo edifício da Escola, e que, ainda que o não fosse, tinham eles obrigação de formar um grupo não vulgar de visitantes.

«Qual, visitantes?!...É no mesmo edifício, mas *aquilo* forma lá *uma coisa* perfeitamente à parte!»

Nessa ocasião corria eu os índices do *Jornal de Sciencias de Lisboa*, com o fim de encontrar um artigo que então muito me interessava, quando vi por ela que, na secção de zoologia, eram apenas firmados os nomes – Bocage, Capelo.

Já não havia que duvidar. Era tudo o mesmo, desde o estudante da Politécnica, até à gloriosa *troupe* dos cursos superiores de *naturais*.

Havia apenas aqueles dois homens. Um deles perdeu-o já a zoologia descritiva, e, no dia em que o Sr. Dr. Bocage, por verdadeira infelicidade, chegar ao termo da incessante lida, Portugal perderá aquela ciência, se os que têm na mão as coisas públicas não quiserem compreender que para isto serve apenas a vocação, e que é preciso ir buscá-la aonde quer que ela estiver.

A lei, fazendo dos bacharéis o elemento único dos concursos, supõe a possibilidade de criar aptidões e não faz mais, quase sempre, do que jubilar inteligências.

A maior parte deles (por não dizer todos) volta para junto do coração da noiva que é costume deixar-se alugado pelo tempo duma formatura; requer um emprego; vai maquinalmente (porque o pai foi, e o avô, e o pai de seu avô) pedir a um padre que lhe arrende a ponta da estola, e, depois de ficar sabendo assim como se constitui a família, passa a lua-de-mel, pendurando os diplomas na saleta. Na noite do nono dia ele tem sobre o escaparate o Código Civil, e ela, sobre o escaparate também, um

romance de Zola. Os livros de economia doméstica são receitas de pudins. Recebem todas as semanas, e aonde devia erguer-se no recolhimento da família, a mesa comum do trabalho, aonde devia fazer-se vivos os belos versos de Victor Hugo:

«Vos êtes mon lion, je suis votre colombe;
J'entend de vos papiers le bruit paisible et doux,
Je ramasse parfois votre plume qui tombe ...».

abrem-se aos cotovelos de estranhos umas bancas de voltarete. A criada leva todo o outro dia a tirar-lhe os riscos que deixaram os pés dos convidados; o criado das compras é quem remexe no jantar; a *senhora* fica dormindo abraçada ao cabeçal e o *senhor doutor* entra na secretaria calçando as suas luvas porque enfim os amanuenses precisam de ter quem os *dirija*. Os melhores desta utilíssima falange contentam-se com Figuer, e aconselham as *Vinte mil léguas* de Júlio Verne a quem estuda sobre os livros de Cuvier, Valenciennes, Günther, Milne Edwards...!!

O geral das moderníssimas *preparações* da Universidade é rigorosamente assim.

Quando vêm a férias, são apontados com muita esperança; contam-se deles maravilha. Às vezes, escrevem, alguns volumes de versos, cuja ciência social é a crua exposição de corpos ulcerados; mas ao menos com isto ainda se dá trabalho aos tipógrafos.

Casam. Morreu logo completamente a cultura já pouco fértil de inteligência. A mulher que, para Michelet, tem a missão de *refazer o coração do homem*, para aqueles sábios é o marasmo da Ideia! Não há ali dentro um cérebro, há apenas um útero!

A Ideia! A observação! A publicação de factos revelados!... Mas de que serve tudo isto?! De quê?!...

Eles *trabalharam* já bastante, *estudaram, sabem!* A lei está por eles.

Além de terem tido dinheiro para poderem estudar à vontade e como deviam, ainda querem outro privilégio! E argumentam que é preciso que a lei lhes dê preferência, fazendo-os ganhar muito, porque *gastaram muitos contos de réis para se poderem formar!* Ganhem pela sua inteligência, pelo seu trabalho; pelo dinheiro que consumiram inutilmente aos pais...nunca! O capital não se faz render, aplicando-o à satisfação dos pontos sem nexos dum programa de exames; quem o quer fazer render, põe-no a juro; as Universidades não são bancos!

Bem haja, contudo, a lei! É exactamente no seu exclusivismo que está a força de vontade e o poder dos outros, que eles julgaram ter deixado à porta da Universidade, como chinelas de turcos à porta dum templo.

Nesta persuasão, cada vez mais idiota, responde a história das mais úteis descobertas e a biografia dos homens mais eminentes.

A América que arrasta hoje para si toda a torrente do poder científico, toda a força da civilização, mostra-nos o grande génio de Eddison inteiramente privado de luzes académicas. E entanto, logo que se trate de luz eléctrica, todo o mundo há-de querer ouvi-lo.

«E o Sr. Eça de Queiroz não é formado em direito!» disse o Sr. Ramalho Ortigão que também o não é. Contudo são os mais belos escalpelistas da sociedade portuguesa.

Se me opuserem Teófilo Braga, eu direi, ainda com o Sr. Ramalho, que a sua carreira gloriosa começou quando ele *raspou de si o metafisicismo universitário, como os antigos leprosos raspavam a lepra, esfregando a pele com uma telha.*

Mas eu falo em direito e estamos especialmente em ciências naturais, nos cursos superiores.

Tornemos pois ao assunto e busquemos encontrar o Sr. Dr. Bocage. É um académico e um médico distinto. Pergunta-lhe se a ciência das suas classificações lhe foi legada pelos bancos universitários. Responder-te-á, de certo, que não, com um sorriso de bondade para a tua dúvida. Mas não deixará de te falar do ajudante naturalista que perdeu e que a lei dificilmente lhe deixará substituir (o Sr. Félix de Brito Capelo) ajuntando que *o seu grau de bacharel era a sua especialidade natural*; e quando passares em frente dos exemplares de África (a melhor riqueza do Museu de Lisboa) hás-de ouvir pronunciar o nome do Sr. Anchieta, talvez o mais audaz e zeloso colector do mundo, *mas que a Natureza não parece ter dotado para outro fim*. A lei *tolera-o*; mas, como não é bacharel que precise sustentar a *sua posição* a luvas e a pingalim, o governo dá-lhe miserável subsídio.

«Mas (dirão eles) que destempero é esse?!... Somos porventura obrigados a gostar de carochas ou de caracóis?! Reduz-se a isso a ciência, e está aí o bem da humanidade?! ...».

A utilidade de tais estudos está soberanamente provada. Suponhamos porém que é uma parvoíce. Nesse caso a lei que a deixa cair na mão dos *idiotas*! É simples! Não merece a atenção dos vossos espíritos, ninguém pode obrigar-vos ... abdicai do direito!

Comer sem trabalhar, eis a fórmula. Aí é que está a ciência! Aí é que está o bem da humanidade!

Esse parasitismo que aumenta de dia para dia filia-se na completa deslocação de aptidões. Ela permanecerá o cancro da sociedade enquanto não morrer o privilégio e se não criar a justiça sem concessões.

Em face de tudo isto que é verdade pura, palpável a cada instante, que tu hás-de ter encontrado muita vez no teu caminho, comprehendes o que há, de verdadeiramente audacioso no projecto de fundação dum museu açoriano; o que há, de verdadeiramente glorioso, quando surge a realização desse projecto e como o vulto benemérito de quem mirou tão grandiosa ideia destaca nobremente do fundo pardacento, que eu julguei dever apontar, mais dorido do que revoltado (confesso-o agora, se o não tinha confessado já).

O Dr. Carlos Maria Gomes Machado, no tri-centenário de Camões, apresentou ao público micaelense um gabinete de história natural no liceu de Ponta Delgada.

Meses antes, um governo de mesquinhas vinganças pessoais privara aquele estabelecimento da sua direcção.

É incrível! Tolher até a instrução espalhada gratuitamente, com o sacrifício dos particulares!

Seguiu-se embora! Não podia morrer ali a dedicação que não afrouxara nunca, durante quatro anos.

Foi um verdadeiro triunfo. A sala conservou-se cheia por três dias; ninguém acreditava bem no que estava vendo, tudo exultava. Havia porém uma classe que examinava mais cuidadosamente, apontando, discutindo, querendo saber tudo – era o povo. Enquanto alguém da *alta escola* que tinha ido somente para namorar as costureiras, me enojava por isso, eu ouvia um camponês verberando assim a descrença da mulher:

«Isto aqui é mesmo assim, é tal e qual como se esteja vivo; não são coisas pintadas em papéis!».

Vê como o espírito menos culto não desconheceu e afirmou na sua frase rude, mas vigorosamente expressiva, que o museu é um grande livro, sempre aberto e sempre verdadeiro!

Foi a mais sublime vingança. Só assim a exerce quem sabe preparar o futuro intelectual do seu país.

Eu considero-me o mais feliz dos homens, porque amando a história natural desde os doze anos, foi-me dado acompanhar todos os trabalhos que formaram o nosso gabinete.

Vem aqui perfeitamente de molde uma recordação das belas ocupações da nossa mocidade, porque tem ela excelente conceito.

Lembras-te duma manhã de sol ardente, em Agosto, haverá sete anos, quando nós regressávamos duma excursão puramente material, como todas as que então fazíamos, aos ombros, grandes sacas de minerais, os chapéus crivados de coleópteros? Íamos a dobrar o último cotovelo do caminho que sobe das Sete Cidades, e ouvíamos falar alto. Eu receei, cuido que por nos terem dito que o esperavam no vale e pela semelhança da voz, que fosse o Dr. Carlos Machado; envergonhava-me sobre modo o ter de lhe aparecer assim, carregado de pedregulhos! Pois foi exactamente a triste oferta, que depois lhe fiz daqueles *calhaus rolados*, coligidos com tanto analfabetismo, o que me deu entrada no nosso museu, e o que fez com que devesse ao Dr. Machado toda a minha educação intelectual, toda (devo dizê-lo).

Eis como, muitas vezes, o futuro dum homem pode estar numa pedra que ele não saiba desprezar!

Desde então o meu trabalho livre faz-se no meio das colecções e dos livros, quase todas as tardes e noites. Muitas vezes, quando o tempo é bom, meto na algibeira um frasco com álcool, algumas caixas e uma pinça, penduro ao pescoço uma *triloupe* e atiro-me às abas da montanha e à orla dos caminhos. Não há nenhuma outra distração que me faça a vida tão feliz! Sem nada que se eleve entre mim e a natureza que eu apreendo e interrogo... esmago profundamente, a dor, e cada erva que se reergue depois de eu ter passado, é para mim o símbolo da coragem!

As aranhas, por ser estudo novo em matéria açoriana, prenderam-me a atenção e pude já coligir talvez sessenta espécies, representantes das famílias: *Atlidæ*, *Lycosidæ*, *Dyctinidæ*, *Agelenidæ*, *Thornisidæ*, *Scytodidæ*, *Pholcidæ*, *Dysderidæ*, *Theridiidæ*, *Epeiridæ*... As formas parecem-me todas europeias.

Desejando ardentemente que as minhas observações mirem a um fim mais ou menos sintético, tomei a questão da origem das espécies como ponto principal de convergência. Iniciei-me no valor dos factos inerentes às ilhas, e, como as aranhas não fornecessem dados tão eloquentes nas leis naturais de distribuição, por serem de transporte fácil, quer nas mercadorias, quer por meio dos seus casulos, facilmente aderentes à plumagem das aves de arribada, os meus últimos estudos tem tido por objecto o organismo interno dos moluscos terrestres. Na introdução especial da série de trabalhos malacológicos que empreendo publicar, eu esforço-me em apresentar a organização inteira como verdadeiro ponto de discussão da origem provável daqueles animais, nos Açores, sobretudo no que respeita às espécies peculiares.

A referida série de trabalhos está a publicar-se em breve no jornal da Academia de Lisboa e tem por título: *Questões de malacologia terrestre açoriana*, consideradas principalmente como contribuintes para a discussão da origem das espécies.

A primeira questão tem por objecto o estudo detalhado do animal mais importante dos Açores, a *Viquesnelia atlantica*, Mor. e Droüet. Este molusco, cujo aspecto externo é o de uma lesma recentemente morta, possui uma concha rudimentar, pertencente ao género *Viquesnelia*, estabelecido por Deshayes sobre rudimentos fósseis da Romélia. Novos exemplares fósseis foram achados nos Pirenéus por D'Archiac; mas somente na Índia se conhece outro exemplar vivo, além do dos

Açores — *Viq. Dussumieris*, Fischer! O exemplar açoriano encontra-se apenas em S. Miguel. É inquestionavelmente, nos meios de dispersão, um facto capital. Para as estampas deste primeiro estudo tenho já quarenta figuras, em que há curiosos detalhes da membrana da língua e do aparelho reprodutor. Muito me foi ainda impossível estudar, pela raridade dos exemplares. Para a embriogenia (tão essencial nas discussões do transformismo) não tenho uma só palavra; mas farei porque se me torne acessível na próxima estação.

Eis aí, mais miúda, a relação de todos os meus bens. Estão às tuas ordens. É o que pode fazer quem nunca pode *bacharelar*. É apenas o boiar duma vocação que eu nunca desprezarei, porque me convenci de que, se cada um compreendesse que devia aproveitar a sua, todas as vezes que ela fosse digna, e empregasse todos os esforços por torná-la útil, a sociedade atingiria a sua felicidade máxima.

Cubra a lei muito embora os ociosos!

Enquanto, nos domingos e dias santos, os vejo acercarem-se das missas aristocratas, consumindo o tempo a patentear uma crença que não têm, eu costumo correr a aproveitar aquele que a obrigação me deixa livre.

O templo, para mim, naqueles dias — é o nosso pequeno museu; o altar — uma mesa de trabalho; o missal — um livro de zoologia; a hóstia — o campo iluminado do microscópio!

Hoje que o trabalho é a artéria da humanidade; que as leis que o regulam sabem da inteligência, e esta só vive do cognoscível; hoje que a ciência é tudo, e que a vida mal dá para o estudo dum dos seus mais pequenos ramos; o homem dá a prova da mais cabal estupidez, santificando os dias, para roçar a *teoria milagreira*, o maior insulto às leis da natureza!

Eles ouvem a missa do passado, eu quero ir na missa do futuro!

Ciência e natureza é o título dum livro de Büchner. Tomei-o por divisa.

Aqui não há orgulho, nem desprezo; modéstia nem imodéstia. Há apenas um incêndio a apagar; fica depois um prédio a reconstruir. Quem se julgar capaz de cortar um tabique, ou de colocar uma pedra, tem obrigação de apresentar-se. À *polícia* incumbe proibir que o *espectador* transite.

Neste quartel do século XIX, em que as nações civilizadas caminham para uma aspiração imensa, descobrindo a verdade, afirmando o direito, o dever, a justiça... Portugal, debaixo do seu *clima seco*, e dum *céu profundo e azul*, estira-se de barriga na calçada, ao *olhinho do sol* — o velho marítimo das crónicas! Entregou à *mulher* umas *sardinhas* e espera pelo jantar! Vede porém que essa mulher é a opinião pública! Quando lhe desenganarem completamente o estômago — a consciência ela, ao arrefecer da tarde, pousará uma manta sobre o pescador adormecido, e gritará aos filhos reunidos: — A nós o *batel* e o *mar*!

.....

Mas isto está muito longe ainda de poder ser a expansão duma *alma nova*.

Tu é que tiveste a culpa! Dá-te por conseguinte ao trabalho de rasgar esta carta, que eu me *incomodarei* estreitando-te num abraço.

Teu irmão
FRANCISCO D'ARRUDA FURTADO.